

## “SOMOS IGUAIS E SOMOS DIFERENTES”: OLHARES DOS ALUNOS SOBRE INCLUSÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

"WE ARE EQUAL AND WE ARE DIFFERENT": STUDENTS' LOOKS ABOUT INCLUSION IN THE SCHOOL CONTEXT

Jonathan Fernandes de Aguiar<sup>1</sup> | Maria Vitória Campos Mamede Maia<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo identificar o que os alunos do 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental pensam sobre inclusão no contexto escolar. Quais são os discursos e atitudes desses alunos ao se depararem com frases preconceituosas e discriminatórias cuja finalidade é certamente, a exclusão de tais alunos do espaço escolar do qual devem e tem direito legal de fazerem parte. A pesquisa que embasa esse artigo é de cunho qualitativo do tipo relato de experiência. Possui como sujeitos 26 alunos do 3º ano do Ensino Fundamental entre 8 a 9 anos de idade, de uma escola federal localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Os instrumentos utilizados para coleta de dados durante as discussões com os alunos foram: gravação de áudio e vídeo, fotografia, diário de campo dos pesquisadores envolvidos e atividade desenvolvida com os sujeitos desta pesquisa. A partir dos dados analisados nesta pesquisa ficou evidente que para esses alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, ao pensarem sobre o processo inclusivo no contexto escolar, entendem inclusão como um todo e que uma criança com deficiência pode aprender mais que eles.

**Palavras-Chave:** Inclusão. Sala de aula. Alunos.

**ABSTRACT:** This article aims to identify what the students of the 3rd year of the initial years of Elementary School think about inclusion in the school context. What are the discourses and attitudes of these students when confronted with prejudiced and discriminatory phrases whose purpose is certainly the exclusion of such students from the school space from which they should and are legally entitled to be part. The research that bases this article is qualitative of the type of experience report. (IVENICKI & CANEN, 2016, MINAYO, 2010 and DEMO, 2001). It has as subjects 26 students from the 3rd year of Elementary School between 8 and 9 years of age, from a federal school located in the south zone of the city of Rio de Janeiro. The instruments used for data collection during the discussions with the students were: audio and video recording, photography, field diary of the researchers involved and activity developed with the subjects of this research. From the data analyzed in this research, it was evident that for these students of the 3rd year of elementary school, when they think about the inclusive process in the school context, they understand inclusion as a whole and that a child with a disability can learn more than them.

**Keywords:** Inclusion. Classroom. Students.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo identificar o que os alunos do 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental pensam sobre inclusão no contexto escolar. Quais são os discursos e atitudes desses alunos ao se depararem com frases preconceituosas e discriminatórias cuja

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: escritorjonathan@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: mariavitoria.ufrj@gmail.com

finalidade é, certamente, a exclusão de tais alunos do espaço escolar do qual devem e tem direito legal de fazerem parte. A motivação para realização desta pesquisa foi o interesse dos alunos de uma escola pública federal do Rio de Janeiro em entender mais sobre inclusão a partir da presença em sala de aula de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outro com Paralisia Cerebral (PC). Esta pesquisa se adéqua aos objetivos dos projetos de extensão e pesquisa do grupo de pesquisa Criar & Brincar: o lúdico no processo de ensino e aprendizagem – LUPEA, e sua pesquisa atual “Criatividade e Educação: diferentes linguagens no espaço de ensino-aprendizagem”, quais sejam, a realização de grupos de sensibilização e escuta com educadores e educandos quanto ao processo de educar e aprender ultrapassando as possibilidades de fracasso (MAIA, 2016). O LUPEA é pertencente ao Laboratório do Imaginário Social e Educação – LISE e está associado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a linha de pesquisa de Ética, Inclusão e Interculturalidade.

A pesquisa que embasa esse artigo é de cunho qualitativo do tipo relato de experiência. (IVENICKI & CANEN, 2016; MINAYO, 2010 e DEMO, 2001). Possui como sujeitos 26 alunos do 3º ano do Ensino Fundamental entre oito a nove anos de idade, de uma escola federal localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Os sujeitos foram convidados a participar de cada atividade que será descrita no subtítulo “A pesquisa”. Os mesmos estavam cientes da pesquisa e da produção deste artigo, já que esta escola, em sua matrícula, deixa claro o uso de observações e registros da sala de aula para pesquisa desenvolvida no âmbito acadêmico. Os dados foram coletados no mês de setembro de 2017 utilizando como instrumentos – gravação de áudio e vídeo, fotografia, diário de campo dos pesquisadores e atividade desenvolvida com os alunos que participaram deste estudo. Os dados coletados foram analisados por meio do método de análise de conteúdo, análise temática (BARDIN, 2016).

A fundamentação teórica deste artigo está calcada nos estudos de Camargo (2017, 2016), Santos e Paulino (2004) e Santos (2003, 2002 e 2001) no que se refere à inclusão no contexto educacional e também Maia, Julião e Sião (2014) ao tratar sobre ambiente inclusivo. Igualmente baseia-se no estudo dos dispositivos legais: Lei Brasileira da Pessoa com Deficiência – LBI (2015) e a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2009).

## **INCLUSÃO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Nos espaços de formação docente surgem, às vezes, dúvidas sobre qual aluno que deve ser incluído e quem não precisaria desse processo para que a sua aprendizagem ocorresse de forma significativa. Diversas mudanças aconteceram em relação às terminologias de como devemos chamar aqueles que são atendidos pela Educação Especial. Mas, conforme os recentes

estudos de Camargo (2017 e 2016), a inclusão não se restringe a um grupo de alunos, crianças ou pessoas que são atendidas pela Educação Especial (SANTOS e PAULINO, 2004; SANTOS, 2003; SANTOS, 2002; SANTOS, 2001). O conceito de inclusão é mal compreendido no senso-comum (CAMARGO, 2017). Acreditamos que esta má compreensão está associada às inúmeras mudanças de terminologias no campo da Educação Especial. Incluir é mais que criar espaços físicos acessíveis à pessoa com deficiência, é “uma prática social que se aplica no trabalho, na arquitetura, no lazer, na educação, na cultura, mas, principalmente, na atitude de perceber das coisas de si e do outrem”. O trabalho com inclusão no contexto educacional está direcionado a discutir sobre “identidade, diferença e diversidade” para construção de metodologias, materiais e desenvolver a comunicação que deem conta de atender o que é comum e específico entre cada aluno. (CAMARGO, 2017, p.1).

Ao dizer que inclusão é uma prática social, devemos colocá-la em ação diariamente por meio dos nossos discursos, práticas e concepções. Na sala de aula, devemos não somente propiciar momentos de inclusão, mas esta deve ser um processo contínuo, diário, onde a criança negra deva construir sua identidade negra e sua cultura ter expressão legítima; o aluno gay não seja discriminado por sua sexualidade, o adolescente cadeirante transite por todo o espaço escolar, a menina que possui dificuldades na fala seja respeitada ao se expressar, as irmãs gêmeas que moram em favela não sejam excluídas por não viajarem para Disney no recesso escolar. Incluir é reconhecer as identidades de cada sujeito, suas respectivas diferenças para construção de um ambiente inclusivo cuja diversidade é bem-vinda atendendo o que é comum e específico de cada aluno.

Queremos escolas inclusivas onde as culturas sejam respeitadas, o modo de vida de cada sujeito não seja criticado, cujo brincar possa ser realizado na sala de aula, no corredor, no pátio do colégio em qualquer espaço sem ser interrompido por atos discriminatórios e excludentes. Isto é incluir, fazer do ambiente escolar uma educação inclusiva, que atenda todos e favoreça a participação efetiva de todos em sala de aula. (CAMARGO, 2017 e 2016; MANTOAN, 2002).

O tema inclusão no contexto escolar, na sala de aula não é novidade, , mas pode assim ser visto e percebido pelo fato de os professores e coordenação muitas vezes não saberem como agir e o que fazer. O estranhamento ao desconhecido se faz necessário para construção de um ambiente inclusivo<sup>3</sup>, até porque, como já enfatizado anteriormente e aqui reiterado, incluir é um processo sem um fim pré-estabelecido. Sendo assim:

**Inclusão** não é a proposta de um estado ao qual se quer chegar. Também **não se resume na simples inserção de pessoas deficientes** no mundo do qual têm sido

---

<sup>3</sup> termo que será explicitado mais a frente.

geralmente privados. **Inclusão é um processo** que reitera princípios democráticos de participação social plena. Neste sentido, a inclusão **não se resume** a uma ou algumas áreas da vida humana, como, por exemplo, saúde, lazer **ou educação**. **Ela é uma luta**, um movimento que tem por essência estar presente em todas as áreas da vida humana, inclusive a educacional. Inclusão refere-se, portanto, **a todos os esforços** no sentido de garantia da **participação máxima de qualquer cidadão em qualquer arena da sociedade** em que viva, à qual ele tem direito, e sobre a qual ele tem deveres. (SANTOS, 2003, p.81 grifos nossos).

A partir do pensamento de Santos (2003), inclusão não se refere somente à implementação de políticas públicas que vise o acesso à escola para todos, mas também à garantia de permanência e participação de qualquer pessoa nas decisões que são tomadas em qualquer ambiente social. Inclusão é um movimento, processo contínuo, uma luta constante de qualquer sujeito e não a restrição de idade. Por este motivo, a escola deve traçar seus planos, educar seus alunos, definir uma educação para “cidadania global, plena, livre de preconceitos e que se dispõe a reconhecer as diferenças, a interdependência, a complementaridade entre as pessoas” (MANTON, 2002, p.85).

Seguindo o mesmo pensamento, incluir é possibilitar:

**[...] às pessoas com deficiência viver de forma independente e participar plenamente de todos os aspectos da vida**, os Estados Partes tomarão as medidas apropriadas para **assegurar** às pessoas com deficiência **o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas**, ao meio físico, ao transporte, à informação e comunicação, inclusive aos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, bem como a outros serviços e instalações abertos ao público ou de uso público, tanto na zona urbana como na rural. Essas medidas, que incluirão a identificação e a **eliminação de obstáculos e barreiras à acessibilidade** (BRASIL, 2009, Art. 9 – grifos nossos).

Acreditamos que este movimento em prol da inclusão de todos possui um eixo norteador de discussão: o “viver de forma independente e participar plenamente de todos os aspectos da vida” (BRASIL, 2009, Art.9). Esta afirmação remete a um lugar onde os indivíduos passam boa parte do seu tempo: a escola. Lugar que permitirá a socialização e também é

[...] O lugar onde se faz amigos [...] gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. [...] a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. [...] Importante na escola não é só estudar, não é só Trabalhar, É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem, É conviver [...] Numa escola assim vai ser fácil Estudar, trabalhar, crescer; Fazer amigos, educar-se, Ser feliz!<sup>4</sup>

A escola também é espaço em que os conflitos podem surgir, as dúvidas emergirem, o estranhamento dar lugar ao acolhimento. Cada palavra dita ou não dita, cada atitude dos sujeitos que frequentam a escola, a sala de aula, o constituem como seres humanos e impulsiona a construção de um ser autônomo, crítico e criativo. (MAIA, 2014). Por isto a necessidade de

<sup>4</sup> Poesia do educador Paulo Freire, disponível no site do Instituto Paulo Freire ([www.paulofreire.org](http://www.paulofreire.org)).

organizar momentos de troca de conhecimentos, sensibilização e escuta entre professores e alunos, com a finalidade de romper com os obstáculos e barreiras à acessibilidade.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, destinada a assegurar e a promover condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais para a pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania destaca no 3º artigo, o fim das barreiras atitudinais: “atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas” (BRASIL, 2015).

Inclusão no contexto escolar, particularmente na Educação Básica, busca eliminar as barreiras atitudinais, permitindo que todos participem de qualquer atividade, na quadra, na sala de aula, uma visita a uma exposição, apreciar uma obra de arte, assistir um espetáculo teatro ou ouvir um concerto de música.

Um “ambiente inclusivo” é aquele que respeita as limitações e dificuldades de cada criança e aluno, não anula as regras, mas há equilíbrio em cada uma delas. Ambiente que haja espaço para liberdade de expressão, cujo o brincar perpassa as ações dos docentes – o jogar, o brincar, o criar, o expressar diversos tipos de opiniões são respeitadas e compreendidas rompendo com os estigmas sociais. (MAIA, JULIÃO & SILVA, 2014, p. 145).

## A PESQUISA

A coleta de dados para esta pesquisa aconteceu em uma escola pública, localizada na zona sul do Rio de Janeiro, no mês de setembro do ano de 2017. Os sujeitos<sup>5</sup> desta pesquisa foram 26 alunos com oito a nove anos de idade, matriculados no 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Estiveram envolvidos nesta coleta de dados três pesquisadores do grupo de pesquisa Criar e Brincar: o lúdico no processo de ensino e aprendizagem – (LUPEA/UFRJ), sendo estes: (1) mestrando/pedagogo, (1) especialista em Educação Inclusiva/pedagoga e (1) pedagoga.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados durante as discussões com os alunos foram: gravação de áudio e vídeo, fotografia, diário de campo dos pesquisadores envolvidos e atividade desenvolvida com os sujeitos desta pesquisa<sup>6</sup>.

A pesquisa aqui relatada parte de uma questão disparadora dirigida ao grupo de conversa com os alunos do 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, qual seja o que eles entendiam por inclusão na escola. Após o relato de cada aluno, foi feita a leitura do livro infantil:

---

<sup>6</sup> Descreveremos a atividade ao longo do artigo.

“Na minha escola todo mundo é igual” escrito por Ramos e Sanson (2010) que tem por finalidade contar a experiência de uma escola inclusiva onde aqueles que frequentam este espaço são iguais apesar das diferenças descritas ao longo da obra.

Retomamos a discussão sobre inclusão na presença dos pesquisadores relatados e propusemos ao grupo de alunos um novo debate sobre inclusão com base em cinco deficiências. Para início desta discussão solicitamos que a turma se dividisse em cinco grupos: quatro grupos com cinco alunos e um grupo com seis alunos. Cada grupo recebeu uma folha A4 com o título de uma deficiência, uma imagem de uma criança com deficiência, uma frase de impacto e, por fim um quadro com três linhas. Explicamos que cada grupo deveria discutir com sua equipe o título, a imagem e a frase de impacto: Vocês conhecem esta deficiência? Vocês concordam ou discordam da frase de impacto? Justifique.

<p>PARALISIA CEREBRAL</p>  <p>“Não crie expectativas, paralisia cerebral é assim... Pode ser que melhore!”</p> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div>	<p>SINDROME DE DOWN</p>  <p>Por que ele nasceu assim? De quem ele herdou?</p> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div>
<p>SURDO</p>  <p>Melhor fazer gesto ou mímica para ele entender.</p> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div>	<p>CEGUEIRA</p>  <p>“Não te convidei para a festa de aniversário, pois você tem um filho doente, eu sabia que você não poderia ir.”</p> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div>
<p>AUTISMO</p>  <p>“Nossa! Ele é autista? Parece ser normal!”</p> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div>	

Figura 1: Folhas disparadoras da roda de conversa sobre inclusão

Conforme as imagens acima, cada grupo recebeu uma atividade referente a uma deficiência para discussão:

Paralisia Cerebral tinha como frase de impacto: “Não crie expectativas, paralisia cerebral é assim... Pode ser que melhore!”.

Surdo - “Melhor fazer gesto ou mímica para ele entender”

Síndrome de Down - “Por que ele nasceu assim? De quem ele herdou?”.

Autismo – “Nossa! Ele é autista? Parece ser normal!”.

Cegueira – “Não te convidei para a festa de aniversário, pois você tem um filho doente, eu sabia que você não poderia ir”.

Após a discussão nos grupos que receberam uma das deficiências, foi solicitado que estes comentassem o que conheciam sobre a deficiência, se concordavam ou não com o que estava na frase de impacto. Esta discussão durou cerca de 60 minutos com algumas intervenções dos pesquisadores. Ao término das apresentações, pedimos que cada grupo escrevesse uma nova frase de impacto no espaço para registro.

## ANÁLISE E RESULTADOS

Após a leitura do livro infantil “Na minha escola todo mundo é igual”, foi iniciada a discussão sobre inclusão no contexto escolar. Claramente foi observado na fala dos alunos que eles compreendem a inclusão no espaço escolar como sendo esta possível. O aluno 1 e o aluno 2 levantaram as mãos. Ao se dar a palavra ao aluno 1, ele relatou que se sente incluído por ser doente “eu tenho uma doença que não consigo parar e ficar quieto”. A associação deste aluno ao fato de ser doente, remete a anos anteriores de como a sociedade enxergava aqueles que não conseguia ter um comportamento próximo da grande maioria. Cabe destacar que este termo “doente”, “impotente”, “anormal” não são utilizados no campo da Educação Inclusiva. Aproveitamos este momento para informar a todos os alunos que aqueles que não conseguem se concentrar não são doentes, mas que possuem uma dificuldade, e que em alguns casos é necessário ir a um médico para ter orientação correta sobre como lidar com essa questão.

O aluno 2, ainda de mãos levantadas, disse que encontrou na escola um aluno aleijado. Ao ser questionado “o que é aleijado”, respondeu que são aqueles que não andam, mas podem estudar. Novamente retomamos a discussão que este termo não é utilizado como explicado anteriormente e que a sala de aula, a quadra, os corredores da escola, o refeitório, a rua, o shopping é um direito de todos, qualquer pessoa pode circular por esses espaços. Em sequência, a aluna 3 falou que “Inclusão é incluir. E você, por exemplo, me inclui em um grupo, me coloca em um grupo. Independente das nossas diferenças. Por exemplo, em grupo você aprende com seus amigos, não importa as diferenças” ( CADERNO DE ANOTAÇÕES,2017). Este relato dialoga com o conceito de Santos (2003) sobre inclusão, no sentido de inserir o outro em um

grupo, permitindo a participação de todos independente das diferenças ou dificuldades. Assim como a lei brasileira da pessoa com deficiência (2015) propõe promover e assegurar o direito de igualdade. Percebemos que neste grupo de alunos, antes de eles conhecerem os escritos legais, praticam o acolhimento de seus colegas, oferecendo um abraço e, por assim se posicionarem na atividade proposta:

Independente das diferenças somos todos iguais. (ALUNO 4 – 8 anos)

Além das diferenças nós devemos ser amigos, não importa o que seja, você tem que incluir, não importa as diferenças, eu sou uma pessoa, eu exijo respeito, eu mereço isso! (ALUNO 5 – 8 anos)

Um dia você pode aprender mais coisas que a gente [refere-se ao aluno com deficiência] (ALUNO 6 – 9 anos)

Incluir é reconhecer que somos pessoas iguais independente das nossas diferenças sociais, econômicas, culturais, emocionais e sexuais. Incluir é reconhecer que o outro pode aprender no seu tempo, pode aprender e desenvolver outras habilidades diferentes das que foram desenvolvidas em outras crianças, alunos ou adultos. Ficou nítido que inclusão é exigir respeito mesmo que essas crianças não tenham tido contato com os documentos oficiais os quais marcam que todos os seres humanos devem ser incluídos. Ao realizar a atividade sobre as cinco deficiências, pode-se perceber a sensibilidade de cada aluno e o movimento de, principalmente, romper com os discursos preconceituosos e discriminatórios.

O grupo que recebeu a fotografia de uma criança autista com a frase: “Nossa! Ele é autista? Parece ser normal!” logo denunciaram tal situação:

Não! Ele é normal! Falou o aluno 11 um pouco alto. E continuou: não, ele é normal! Essa parte aqui (aponta para frase que está escrita no papel, fazendo movimentos circulares). Não parece ser muito legal não. Em seguida questiono este aluno: Por que não parece ser legal? Ricardo abre a boca, olha para os lados e responde: nossa ele é autista! (aparência de surpresa). Aponta para seu colega, gritando diz: ele colocou, nossa, nossa, nossa! Ser autista é ser normal, porque ele é um garoto. O aluno 9 interrompe e relata: Ele é a mesma coisa que a gente. (DIÁRIO DE CAMPO, 2017).

Este fragmento retirado do diário de campo, articula com o que o aluno 4 havia dito pós a leitura do livro “todos somos iguais”. Os alunos 9 e 11 conseguem descrever quem é esse *todos* e o porquê somos iguais “é um garoto”, “é a mesma coisa que a gente”. A indignação foi nítida neste grupo, eles rapidamente sentiram na pele a exclusão só porque o aluno é autista e alertaram “nossa, nossa, nossa!”, quantos alertas serão necessários para derrubar as barreiras que determinados espaços não pertencem às pessoas com deficiência, dificuldades de aprendizagem ou por que não conseguem se expressar? Mas estas crianças trazem suas vivências para discussão ao explicarem a imagem sobre surdo:

O aluno 14 ao explicar a sua frase diz: Eu concordo. Vi um velho que ele fazia mímica e a esposa dele fazia mímica.

Aluno 22: Assim a criança surda pode entender, se a gente falar ela não vai entender, mas pode entender pelo gesto da boca ou pela mímica. (DIÁRIO DE CAMPO, 2017).

Ler este relato é entender que há um movimento de incluir o outro mesmo não possuindo domínio de uma determinada língua, isto é criar o ambiente inclusivo que rompe com os estigmas sociais, os limites de cada um e respeita a dificuldade. (MAIA, JULIÃO & SILVA, 2014). Constituir um ambiente inclusivo também é não se importar com as diferenças como falou a aluna 5. Será que você se importa com as diferenças? É necessário aprender com a essência de cada criança, principalmente quando adultos criam lugares inacessíveis, pois inclusão é uma prática social (CAMARGO, 2017) cujo discursos que destacam o movimento de incluir devem ser trazidos a discussão:

Aluna 18: Ela não convidou o menino para o aniversário dele, porque ele é cego, ele é doente.

Prof.: Ser cego é doente? Vocês concordam com essa frase?

Aluna 18: Não é uma deficiência!

Aluna 25: Eu convidaria ele para minha festa. (DIÁRIO DE CAMPO, 2017).

Quanto de nós convidaríamos aqueles denominados de diferentes para seu aniversário? Quanto convidariam os mesmos para participar de uma feira de ciências? Quanto professores convidariam esses alunos a aprender a ler e escrever? Incluir é convidar o outro independente de sua deficiência a participar de qualquer atividade. É participar de todos os aspectos da vida – desde o seu nascimento, a ida a escola, a chegada da universidade, ou a oportunidade de um emprego (BRASIL, 2009). É compreender que a criança com Síndrome de Down não herdou de ninguém a Síndrome, mas como disse muito bem o aluno 12 “Não! A criança nasce”. Por fim, a aluna 3 conseguiu expressar o que nós professores, que trabalhamos com sujeitos que aprendem e ensinam, pensamos e defendemos. Ao olhar a fotografia de um aluno com Paralisia Cerebral e a frase: “Não crie expectativas, paralisia cerebral é assim... Pode ser que melhore!” antes de saber o que deveria fazer nas linhas abaixo da imagem respondeu:

Aluna 3: Eu não concordo muito com essa frase, porque não crie expectativas. Se a pessoa não criar expectativas, ela não vai sonhar, se a pessoa não sonhar, ela não será feliz como ela merece. (DIÁRIO DE CAMPO, 2017).

Como docentes, muitas vezes nos esquecemos de criar expectativas, de traçar objetivos, de sonhar que é possível ensinar uma criança ou qualquer adulto com deficiência. Realmente não há limites para aqueles que têm o desejo de ensinar e o que são apaixonados em aprender. Tanto que após esta discussão, convidamos aos alunos escreverem frases de impactos, dando uma resposta aquelas que receberam. O resultado foi o seguinte:

Aos que receberam Paralisia Cerebral: “Não crie expectativas, paralisia cerebral é assim... Pode ser que melhore!”. Escreveram: “Crie expectativas, cada um tem o seu tempo, ainda há esperanças”. (DIÁRIO DE CAMPO, 2017)

Aos que receberam Surdo: “Melhor fazer gesto ou mímica para ele entender”. Escreveram: “Uma deficiência de audição que pode se comunicar com mímicas e gestos. É ele pode ler e escrever” (DIÁRIO DE CAMPO, 2017)

Aos que receberam Síndrome de Down - “Por que ele nasceu assim? De quem ele herdou?” Escreveram: “Ele nasceu assim, não herdou de nenhuma pessoa” (DIÁRIO DE CAMPO, 2017)

Aos que receberam Autismo – “Nossa! Ele é autista? Parece ser normal!”. Escreveram: “Ele é normal como todos. Ele vai morar no nosso coração” (DIÁRIO DE CAMPO, 2017)

Aos que receberam Cegueira – “Não te convidei para a festa de aniversário, pois você tem um filho doente, eu sabia que você não poderia ir”. Escreveram: “Você está convidado para minha festa amigo”. (DIÁRIO DE CAMPO, 2017)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados analisados nesta pesquisa ficou evidente que para esses alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, ao pensarem sobre o processo inclusivo no contexto escolar, entendem inclusão como um todo e que uma criança com deficiência pode aprender mais que eles. Incluir é criar expectativas, é obedecer e respeitar o tempo de aprender de qualquer aluno, é respeitar as subjetividades de cada estudante, é comemorar os avanços de cada um.

Pode-se evidenciar que as crianças possuíam algum tipo de informação sobre as cinco deficiências discutidas, sendo que as suas frases de impacto demonstraram que elas não concordam com a exclusão do outro. Percebemos a preocupação de algumas crianças em convidar os que possuem deficiência para brincar. Esta atitude se articula com o que é proposto na LBI (2015) em romper as barreiras atitudinais. “Todos somos seres humanos, vamos brincar juntos!”. Esse convite remete também à Convenção da Pessoa com deficiência por propiciar a participação da criança ou de qualquer pessoa a todos os aspectos da vida, como o próprio brincar que é inerente ao ser humano. Crianças que antes de conhecerem legislações já sabem na prática o que é incluir, por identificar/vivenciar a inclusão no contexto familiar ou por assistirem filmes, novelas e reportagens.

O aluno 26 consegue sintetizar muito bem essas conclusões:

**“Todos somos iguais, não há porque ser um diferente do outro”.**

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. (2005) Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Documento subsidiário à política de inclusão*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- BRASIL (2015) Lei Nº13.146, de 6 de julho de 2015. *Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência* (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Link: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso dia 11 de dezembro de 2017.
- BRASIL (2009) Decreto Nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. *Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Link: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso dia 11 de dezembro de 2017.
- CAMARGO, E. P. de. (2017) Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e deslances. *Ciências da Educação*. Bauru, v.23, n.1, p.1-6.
- \_\_\_\_\_. (2016) *Inclusão e necessidade especial: compreendendo identidade e diferença por meio do ensino de física e da deficiência visual*. São Paulo: Livraria da Física.
- DEMO, P. (2001) *Pesquisa e informação qualitativa: Aportes metodológicos*. Campinas, São Paulo: Paulinas.
- IVENICKI, A; CANEN, A. (2016) *Metodologia da pesquisa: rompendo fronteiras curriculares*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna.
- MAIA, M. V. C. M. (2016) *Criatividade e Educação: diferentes linguagens no espaço de ensino-aprendizagem (2016-2019)*. Projeto de Pesquisa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação.
- MAIA, M. V. C. M; JULIÃO, D. B & SILVA, M. C. (2014) Elas não querem só carteiras: reflexões sobre o aprisionamento do corpo na Educação Básica. In: MAIA, M. V. C. M. (org) *Criar e Brincar: o lúdico no processo de ensino e aprendizagem*. Rio de Janeiro: WAK Editora.
- MANTOAN, M. T. E. (2006) Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). *Inclusão Escolar: pontos e contrapontos*. São Paulo:Summus,
- \_\_\_\_\_. (2002) Produção de conhecimentos para a abertura das escolas às diferenças. In: ROSA, Dalva E. Gonçalves ; SOUZA, V. C. (Org.). NETO, A. V. et al. *Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A,
- MINAYO, M. C. de S.(org.). (2010) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- SANTOS, M. P. dos e PAULINO, M. M. (2004) Discutindo a organização de uma proposta de Educação Inclusiva na Formação de Professores. In: II COLOQUIO LUSO-BRASILEIRO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES – CURRÍCULO: PENSAR, SENTIR E DIFERIR. *Anais do VI Colóquio sobre questões curriculares..* p.4513-4527.
- SANTOS, M. P. dos (2003) O papel do ensino superior na proposta de uma educação inclusiva. *Revista da Faculdade de Educação da UFF*, n.7, maio, p.78-91.
- \_\_\_\_\_. (2002). Educação Inclusiva: redefinindo a educação especial. *Ponto de Vista*, Florianópolis, n.3/4, p.103-118.

\_\_\_\_\_ (2001) Escola para todos – um Olhar pelo Mundo. In: SURDEZ E DIVERSIDADE. *Anais do V Seminário Nacional do INES*. . Rio de Janeiro, 19 a 21 de setembro, p.27-34.

**Websites:**

PARALISIA CEREBRAL. link: [http://s2.glbimg.com/Av7Kx-Kj0XurQJqZCiyvm0LDp4=/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2013/11/03/crianca\\_deficiencia\\_620.jpg](http://s2.glbimg.com/Av7Kx-Kj0XurQJqZCiyvm0LDp4=/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2013/11/03/crianca_deficiencia_620.jpg). Acesso: 24/09/2017.

SINDROME DE DOWN. Link: <http://imirante.com/imagens/2015/03/20/negrosdfdentro.jpg> Acesso: 24/09/2017.

APARELHO ADITIVO. Link: [http://www.hear-it.org/sites/default/files/styles/image\\_original/public/children\\_getting\\_hearing\\_ai.jpg?itok=gfo5evn4](http://www.hear-it.org/sites/default/files/styles/image_original/public/children_getting_hearing_ai.jpg?itok=gfo5evn4). Acesso: 24/09/2017.

CRIANÇA CEGA. Link: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/NJrPyRJzFYQeprFFXg4qpQ4y27sb2aR9ncGcqPUzVAXnukjNX28Q5pwcAxs/011-mundo-pelo-toque.jpg>. Acesso: 24/09/2017.

AUTISMO. Link: <http://cdn1.mundodistribos.com/469320-O-autismo-%C3%A9-uma-realidade-de-algumas-crian%C3%A7as..jpg>. Acesso: 24/09/2017.

FRASES QUE NÃO DEVEM SER DITA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. Link: <http://noticias.r7.com/blogs/thiago-helton/7-frases-que-voce-nunca-deve-dizer-para-maes-e-pais-de-pessoas-com-deficiencia/2016/06/05/> Acesso: 24/09/2017.

<http://cronicasdasurdez.com/10-coisas-que-voce-nunca-deve-dizer-a-uma-mae-de-crianca-surda-ou-com-baixa-audicao/> Acesso: 24/09/2017.